

A implosão de Lula ou, de novo, o "grevismo selvagem"

O ano de 1989 começou com a primeira onda da campanha presidencial, como extensão natural do caldeirão político da campanha municipal de 1988, que havia embalado as cotações dos candidatos Luiz Ignácio "Lula" da Silva e Leonel Brizola, cujos partidos haviam conquistado importantes vitórias naquele pleito municipal.

Para armar o jogo da direita e abrir espaço político para a segunda onda solapar as praias brasileiras, se tornou necessário tentar implodir as candidaturas Lula e Brizola o mais rápido possível. A estratégia era semelhante a que foi usada no início de 1986, quando o governo Sarney, se viu ameaçado com o rompimento definitivo da chamada "Aliança Democrática", e o fracionamento do PMDB, em alas pró e contra o Governo, face à reforma ministerial reacionária e, para os padrões de 1986, havia uma inflação "insuportável". A resposta em 28 de fevereiro de 1986, foi um choque heterodoxo do Plano Cruzado, que em poucos dias angariou uma explosão de apoio popular ao Presidente, sem precedentes na história da República.

Uma greve nacional de bancários estava marcada para o dia 1 de março de 1986, mas a CUT foi obrigada a recuar sob a ameaça de ser taxada como "inimiga do povo" querendo desestabilizar a Guerra Santa nacional contra a inflação. Alguns empresários foram "enquadrados" mais diretamente, como foi o caso do sr. Presidente da Mercedes-Benz. Esta empresa transnacional foi apanhada com seus preços defasados, e tendo seu pedido de reajuste de preços "pós-Plano Cruzado" recusado pelos tecnoburocratas que gerenciava o Plano, fechou a sua fábrica e colocou seus funcionários em férias coletivas por 30 dias, como represália. Mas, sendo que o setor de transportes de cargas terrestres estava em crônico déficit de caminhões, e sendo que a Mercedes-Benz ocupava uma fatia grande deste mercado, o Governo encarou a situação como uma ameaça à segurança nacional.

Herr Presidente da Mercedes-Benz do Brasil foi chamado à Brasília, e após uma sessão infrutífera de convencimento com o Ministro do Trabalho, Almir Pazianotto, foi rapidamente enquadrado pelo Ministro-Chefe do SNI, gen. Ivan de Souza Mendes. Este perguntou ao Herr Presidente como reagiria a Mercedes-Benz caso o governo da RFA implantasse um plano semelhante para salvar a economia alemã? Diante de uma resposta um tanto escorregadia, o gen. Ivan fulminou-o "Se não voltar a São Paulo para cancelar as férias coletivas dos seus funcionários e reabrir a sua fábrica, amanhã, um decreto de expropriação da sua empresa está pronto para sair no DOU depois de amanhã". A produção de caminhões Mercedes-Benz recomeçou às 8h no dia seguinte.

É claro que três anos depois, no início de 1989, as condições foram diferentes, e não tão propícias para uma reedição do Plano Cruzado, que foi batizado de "Plano Verão", pois o governo Sarney ficou muito enfraquecido por grandes desgastes políticos e, acuado pelos novos poderes adquiridos pelo Congresso Nacional na Carta de 1988 — mas, a reação popular continuava a mesma, e vulnerável à manipulação televisiva do mesmo tanto quanto em 1986, com o agravante de que a inflação até 15.01.86 (período de 12 meses) foi da ordem de quatro vezes maior de que período equivalente, findo em 28.01.86.

Diante de um novo choque econômico, no qual os assalariados perderam, de uma só tacada, perto de 70% do seu poder aquisitivo, e sem os rigorosos cálculos de reposição de 1986, a classe se desesperou, e cresceu uma grande onda de greve no País, a partir de março. Sendo que várias destas greves chegaram a entrar "serviços essenciais" para a população, como transportes urbanos, bancos,

ensino público, hospitais, previdência, etc., o governo Sarney, "tudo pelo social", rapidamente montou um esquema de comunicação social para taxar estas greves de "impatrióticas", contra à economia popular e de serem um "grevismo selvagem". Esta campanha foi muito intensa e coordenada com a blitz publicitária da campanha collorida, tanto que os índices de preferências em favor de Lula, no curto período de março-abril, despencaram de uma posição de liderança, acerca de 14%, para os porões de 4%. Esta estratégia não atingiu a candidatura de Leonel Brizola, pois era impossível associá-lo à onda de grevismo, e também pelo fato de suas preferências serem mais fiéis, oscilando sempre entre 12% e 15%. Não seria por esta via que o governo Sarney teria sucesso em atingir o "índio velho".

Finalmente, a CUT entendeu o sentido da coisa e conseguiu pôr fim ao movimento grevista, sem conseguir muitos ganhos reais para os trabalhadores, o que deixou "um potencial grevista" represso, de tamanho razoável. Mas, com uma política salarial repressiva e o descontrole da situação macro-econômica, o Governo, e os candidatos mais facilmente associados com este Governo, a Arena, o PDS, etc., foram solapados por uma "terceira onda" antiCollor, antiGoverno e pró-Lula, diante de uma inflação que se aproxima à casa de 40% ao mês.

As respostas por parte do Governo e seus "bruxos" têm duas vertentes: 1) arrochar ainda mais os salários da classe trabalhadora, e 2) a desesperada procura de "fatos políticos novos" para mellar bem o meio de campo na reta final da campanha presidencial.

Estamos diante de uma política deliberada do governo Sarney de sucatear os salários dos trabalhadores, enquanto permite os preços subirem, em certos setores, além do IPC, na esperança de eclodir uma nova onda de greves nos setores essenciais, para perturbar o processo eleitoral, e prejudicar os candidatos de maior apelo popular, e especialmente a campanha de Lula. A recusa do Banco do Brasil, (cuja diretoria é mero fantoche nas mãos do sr. ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega), de obedecer duas sentenças do TST, e pagar o dissídio coletivo para seus funcionários, tem dois objetivos: 1) quebrar o BB como empresa mista nacional; e 2) provocar uma greve nacional que, se fechar a compensação de cheques, poderia ser taxada de "impatriótica". A mesma coisa ocorre nos casos do serviço público federal, eletricitários, etc.

No caso dos eletricitários e outras categorias ligadas à "nova" liderança da CGT, há fortes suspeitas de manipulação pela CIA, que financiou a recente eleição desta "nova" liderança, para fomentar greves neste momento crítico da eleição presidencial. Resta saber se a maioria das lideranças sindicais mais sensatas e não comprometidas, "já viram este filme" no Brasil de 1964, ou no Chile de 1973. Para estas lideranças mais tradicionais, fica uma situação difícil — pois, se assumir uma posição grevista, pode ser taxada de "selvagem", prejudicando a campanha de Lula; mas, se for pelo caminho da omissão, podem ser taxadas de coniventes e covardes pelas "novas" lideranças.

Restam apenas 17 dias de campanha paretidencional. A cada dia que passa sem "novidades", se estourar uma greve importante, ou surgir um "novo fato político" de grande impacto, Lula vai continuar a subir acompanhado por Leonel Brizola, e a campanha collorida a declinar — para o grande desespero dos "governistas" que almejam a vitória do transformismo, do continuismo no poder.

Está para começar a quarta e definitiva onda da sucessão presidencial — é chegada a hora de descollorir, e a hora da "onça beber água".